

Engenharia Naval em Papel



ENGENHARIA NAVAL EM PAPEL

COLETIVOMonográfico

(Fabiana Pedroni, Joani Souza, Rodrigo Hipólito)

Ação Educativa: Horrana de Kássia

Colaboração: Lellison Souza, El Memorioso

Agradecimentos:

Maria Angélica Pedroni

Franquilandia Raft

Eduardo Silva de Oliveira

Irinita Balbino

Visitação: 14 de Março a 14 de Julho

Ação Educativa: 22 e 23 de Março

**Museu do Colono:
09 às 17 horas,
de quarta a domingo**

**Endereço:
Av. Presidente Vargas, 1501 Santa
Leopoldina - ES
Telefone: 27- 3266.1250**

Notamanuscrita.wordpress.com

Produção



Apoio



Realização:



**COLETIVOMonográfico,
2013**
**MUSEU DO
COLONO
Santa
Leopoldina**

Mostra integrante do projeto:

Ínfimos Corriqueiros - Pormenores Possessivos

Bolsa Ateliê em Artes Visuais
Secult-ES

COLETIVOmonográfico
Orientação: Ivo Godoy

Notamanuscrita.wordpress.com



A dobra do barco-poema empilhando sentidos

Eles estavam ancorados no cais, à espera de nós. Assim que os avistamos, os possuímos como referência a outras produções. Eram barquinhos de papel colorido, dobrados sobre a janela e outros cantos, cheios de poesia. Desfazer suas dobras não implica destruição, mas o erguimento de um mundo. A leitura desta poesia ganha corpo em Engenharia Naval em Papel e traz para a cidade de Santa Leopoldina as embarcações de Porto de Cachoeiro. Barcos em pilhas, barcos que afundam, outros que voam. No despejo de barcos e leituras de barcos-poema compreendemos a similitude com o despejo de memórias, daquele que dobra o papel e da cidade em que este navega.

A âncora é içada. Em suas dobras, do deque à vela, os barquinhos ganham a possibilidade de se tornarem reais através de atos simples e corriqueiros. Dar sentidos ao fazer, reduzir, empilhar e presentear barquinhos é trazer para o mundo um modo próprio de habitá-lo, transfigurado em produção de arte. Empilhados e erguidos no mundo, fazem este mundo existir para as coisas e para nós, seres que pensamos todo o resto.

A mostra assinala atitudes desprestensiosas que ganham sentido e valor a partir de seu reconhecimento. Quando o objeto passa a ter um dono, tomado como presente. Nas águas do rio Santa Maria, nas poesias marítimas que chegam a baía de Vitória, os barquinhos de papel desvelam o mundo e reafirmam nossa existência dentre as letras da poesia.

COLETIVOmonográfico
Vitória, 2013